

ANO 9
Nº 26
JANEIRO/
FEVEREIRO
2012

Maranhão Industrial

Impresso
Especial
9912238055
ILMA-MA
CORREIOS



CONSTRUÇÃO CIVIL
MUITO ALÉM DO CONCRETO

INOVAÇÃO

A arma mais poderosa
da indústria atual

TRÂNSITO

Entrave para o crescimento
econômico

FESTIVAIS

No embalo das disputas
musicais



Empresas que dão atenção ao verde dificilmente entram no vermelho

Muitas empresas industriais, para poderem gerar riqueza, devem estar com suas licenças ambientais em dia. O Senai está ao seu lado em todas as etapas do processo de licenciamento da cadeia produtiva: da avaliação à implantação, do planejamento à

certificação de qualidade internacional, exigências dos órgãos fiscalizadores. Temos a convicção de que a produtividade e o lucro da indústria podem conviver em harmonia com o meio ambiente. Uma parceria onde todos saem ganhando.

Serviços

- Estudo de Impacto Ambiental • Monitoramento Ambiental • Licenciamento Ambiental
- Implantação de Sistema Ambiental Integrado • Auditoria Ambiental
- Plano para Reuso de Efluentes Líquidos • Plano de Gerenciamento de Recursos Hídricos e Enquadramento de Bacias Hidrográficas • Georreferenciamento de Resíduos Sólidos, Efluentes Líquidos e Emissões Atmosféricas.

Para utilizar os nossos serviços e encontrar a melhor solução para sua indústria, solicite-nos uma visita pelo telefone (98) 2109-1872 ou site: www.fiema.org.br.

SUPLENTE DA DIRETORIA

Antonio Alves Barbosa, Francisco das Chagas Oliveira, Geraldo Raimundo de Paula, Júlio Rodrigues dos Santos, Ana Ruth Nunes Mendonça.

CONSELHO FISCAL - EFETIVOS

Eduardo de Souza Leão, Rachid Abdalla Neto e Nazareno de Andrade dos Santos.

CONSELHO FISCAL - SUPLENTE

Edivan da Silva Amâncio, Carlos Augusto Fonseca Mendes e Jair Rosignoli.

DELEGADOS REPRESENTANTES JUNTO À CNI

Efetivos: Edilson Baldez das Neves, Francisco de Sales Alencar

Suplentes: Raimundo Nonato Pinheiro Gaspar e Ricardo Pereira Barros

Presidentes dos Sindicatos afiliados:

Benedito Bezerra Mendes, João Alberto Teixeira Mota Filho, William José Nagem, Fabiano Churchill N. Cesar, João Neto Franco, José Raimundo Sarmiento, Ana Ruth Nunes Mendonça, Francisco das Chagas Oliveira, José Antonio Buhatem, Raimundo Nonato Gaspar, Edvan da Silva Amâncio, João de Deus Pires Leal Neto, Leopoldo Debtz Moreira de Moraes Rêgo, Júlio Rodrigues dos Santos, Francisco de Assis Miranda, Antonio Carlos Lopes Ribeiro, José de Ribamar Barbosa Belo, Mário Machado Mendes, Clynewton Dias dos Santos, Manoel de Jesus Silva, Antônio José Sousa Silva, Cláudio Donizete Azevedo, Alexandre Rodrigues Ataíde, Nelson José Nagem Frota, Antônio Rosa Cruz Pereira, Francisco das Chagas de Sousa Nascimento.

SISTEMA Fiema

Superintendência Corporativa do Sistema Fiema
Marco Antonio Moura da Silva
Superintendência de Serviços Compartilhados
Benigno Almeida

Superintendência Regional do Sesi

Andreia Marão

Diretoria Regional do Senai

João Alberto Schalcher

Superintendência Regional do IEL

Marco Antonio Moura da Silva

Assessores Corporativos

Assessoria de Comunicação: Fernanda Moraes Rêgo

Maranhão Industrial

Revista da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão - Fiema
Av. Jerônimo de Albuquerque, S/N - Cohama - CEP 65.060-645 - São Luís-MA.
Tel: (98) 3212.1816 / 3212.1897 - Fax: (98) 3212.1804
www.fiema.org.br

Superintendente e Consultor Econômico: Marco Antonio Moura da Silva

Edição: Portal Comunicação - portal-com@msn.com

Editora: Cíntia Machado

Reportagem: Cíntia Machado, Luís Fernando Baima, Luana Santos, Nina Mochel, Selma Figueiredo e Wilson Lima.

Fotografia: Miguel Angelo, Rodrigo Correa, Angelo Rosa e Banco de Imagens.

Impressão: Colorgraf

CONTATO COMERCIAL:

(98) 8817.9112 | 8169.9135

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente o pensamento do Sistema Fiema.

AO LEITOR

Na primeira edição do ano, a Maranhão Industrial analisa como o setor da Construção Civil no Estado começa a dar os primeiros passos em direção a projetos que adotam o conceito de ecoeficiência e como os municípios estão se organizando para fazer frente às toneladas de resíduos sólidos geradas e descartadas todos os dias, nem sempre de maneira adequada. Como aproveitar recursos ao máximo, como reciclar e reutilizar materiais, como criar um diferencial competitivo em uma área promissora, mas que já começa a dar sinais de recuo, são apenas algumas das questões abordadas.

O diretor de Educação e Tecnologia da Confederação Nacional da Indústria, o economista Rafael Luchessi, nos conta como a inovação pode ajudar a indústria ao ser encarada como uma estratégia de desenvolvimento. Nesse cenário, instituições como o Senai investem em um amplo programa de expansão, especialmente em Estados como o Maranhão, cuja previsão de investimentos para os próximos anos ultrapassa os R\$ 100 bilhões.

Você também fica sabendo sobre as experiências de empresas e pesquisadores maranhenses que ousaram inovar; como o trânsito atravança o desenvolvimento econômico e quais as soluções planejadas para resolver gargalos e, ainda, a história dos festivais musicais que já entraram para o calendário local.

Boa leitura e um 2012 de muitas conquistas!

A Editora

Maranhão Industrial



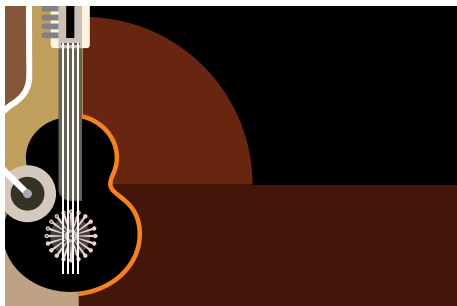
Capa 20
Ecoeficiência na
construção civil: muito
além do concreto



Inovação 26
Mercado internacional mais
próximo das indústrias e
produtores locais



Transportes 28
Trânsito: um entrave
para o crescimento



Cultura 34
Festivais: no embalo
das disputas musicais

SEÇÕES

Palavra do presidente 5

Recortes 6

Entrevista 10

Impostos 24

Maranhão lucraria com a mudança
na alíquota do ICMS



PALAVRA DO PRESIDENTE

Edilson Baldez *

Inovação no fortalecimento industrial

A indústria não para. Porque é um setor dinâmico que continua trabalhando a todo vapor, atendendo a um mercado cada vez mais competitivo e a consumidores cada vez mais exigentes. No Maranhão também é assim. Estamos, como a maior parte do país, à margem das crises econômicas mundiais, insistindo em permanecer em ritmo acelerado de expansão.

Caminhando na via paralela desse cenário, o Sistema FIEMA dá início a uma série de investimentos, com vistas à expansão dos seus serviços oferecidos pela FIEMA, SESI, SENAI e IEL à indústria maranhense. E foi com base nesse ambiente promissor vivido pelo Maranhão, que projetamos nossas ações para os próximos dois anos.

Estamos convictos do nosso papel no desenvolvimento socioeconômico do Maranhão e, nesse sentido, buscamos a plena utilização da capacidade física e operacional de nossas unidades, redimensionando nosso efetivo de recursos humanos e ampliando nosso portfólio de produtos e serviços.

Dentre as ações programadas, triplicaremos o número de matrículas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), de 23.893 em 2010, para 83.670 em 2014, um crescimento de 250,1%. Sozinho, o SENAI responderá por 35% da demanda de qualificação técnica projetada para o Maranhão, que é de 240 mil pessoas, até 2014. Promoveremos reformas e ampliações

nas unidades do SENAI, com investimento na ordem dos R\$ 60 milhões. Outros R\$ 10,9 milhões vão para reforma, ampliação, atualização tecnológica e implantação de laboratórios no SESI.

No segmento Educação, destacamos um projeto arrojado, moderno e inovador para o nosso Estado. Abrangendo desde a educação infantil até à educação tecnológica superior e executiva, o Sistema Indústria vai construir um centro educacional, orçado em aproximadamente R\$ 20 milhões. Nele, será oferecido um serviço de educação integral, fazendo-se interagir, no mesmo espaço, os serviços do SESI, SENAI e IEL.

Ainda para 2012, o Sistema FIEMA executa – pela via do Instituto Euvaldo Lodi (IEL) – um MBA na área de gestão, em parceria com a Fundace/USP. O Instituto também se juntou à HSM Educação para executar um programa de desenvolvimento empresarial específico para executivos de empresas industriais maranhenses.

Fiquem certos de que ainda temos muito mais fôlego e faz parte da nossa missão trabalhar, inovar e prosperar no processo de fortalecimento das nossas indústrias. É com essa sensação de prosperidade e vontade de continuar lutando que desejamos a todos os leitores da Revista Maranhão Industrial, boas festas e um 2012 imensamente produtivo. ■

**Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão.*

RECORTE

MAIOR ÍNDICE DO NORDESTE

O Maranhão manteve em 2011 o maior Índice Nacional da Construção Civil (Sinapi) entre os estados do Nordeste, com variação de 6,13% quando comparado a 2010. O valor médio do metro quadrado no país

encerrou o ano em R\$ 802,65, já no estado foi de R\$ 820,36. Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável pela pesquisa, em convênio com a Caixa Econômica.

Variação acumulada do custo da construção - Brasil e regiões

ÁREAS GEOGRÁFICAS	VARIAÇÕES ACUMULADAS (%)		DIFERENÇA (P.P)
	2010	2011	2011 - 2010
BRASIL	7,36	5,65	-1,71
REGIÃO NORTE	8,84	5,52	-3,32
REGIÃO NORDESTE	7,50	6,13	-1,37
REGIÃO SUDESTE	6,93	4,35	-2,58
REGIÃO SUL	6,46	6,96	0,50
REGIÃO CENTRO-OESTE	9,08	8,06	-1,02

Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Índice de Preços



QUARTO CENTENÁRIO

Cultura Ativa é o projeto do Sebrae-MA que organiza as ações em homenagem ao quarto centenário da capital maranhense, São Luís, e que tem como objetivo maior ajudar os grupos culturais e artesãos a administrar os seus negócios de forma sustentável. A proposta é ser uma vitrine da produção cultural maranhense, reunindo o trabalho de micro e pequenos empreendedores, ao mesmo tempo em que oferece a eles oportunidades de capacitação nas mais diversas áreas de gestão. Um dos produtos do Cultura Ativa será o lançamento de um site contendo um catálogo das manifestações culturais e artísticas locais, um espetáculo com a participação de duas mil pessoas e realização de oficinas de gestão.

AGRONEGÓCIO NACIONAL

O Maranhão é um dos estados considerados mais promissores quando o assunto é escoamento da produção de grãos da porção norte do país, que inclui estados como Mato Grosso, Tocantins, Piauí e parte da Bahia. A posição estratégica em relação aos principais mercados consumidores de soja, farelo e milho aliada à criação de infraestrutura de armazenagem e expedição no Porto do Itaqui com a criação do Terminal de Grãos do Maranhão (Tegram) ajudam a consolidar um cenário altamente favorável. O início de fevereiro, Empresa Maranhense de Administração Portuária (Emap), gestora do porto público, e as empresas que venceram a licitação para operar o Tegram assinaram os contratos. As obras devem começar em agosto deste ano e no final de 2013 o terminal entrará em operação com capacidade para 5 milhões de toneladas, podendo chegar ao dobro em 2019.



ZONA LIVRE INTERNACIONAL

Pelo cronograma estabelecido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), até outubro de 2012 o Maranhão poderá ser declarado zona livre da aftosa, podendo comercializar a carne produzida em outros estados brasileiros e já em 2013 nos principais mercados consumidores internacionais (Estados Unidos e Europa). Até lá, o Mapa cumprirá uma série de ações, o que inclui auditoria, para comprovar se o estado está livre da doença. A

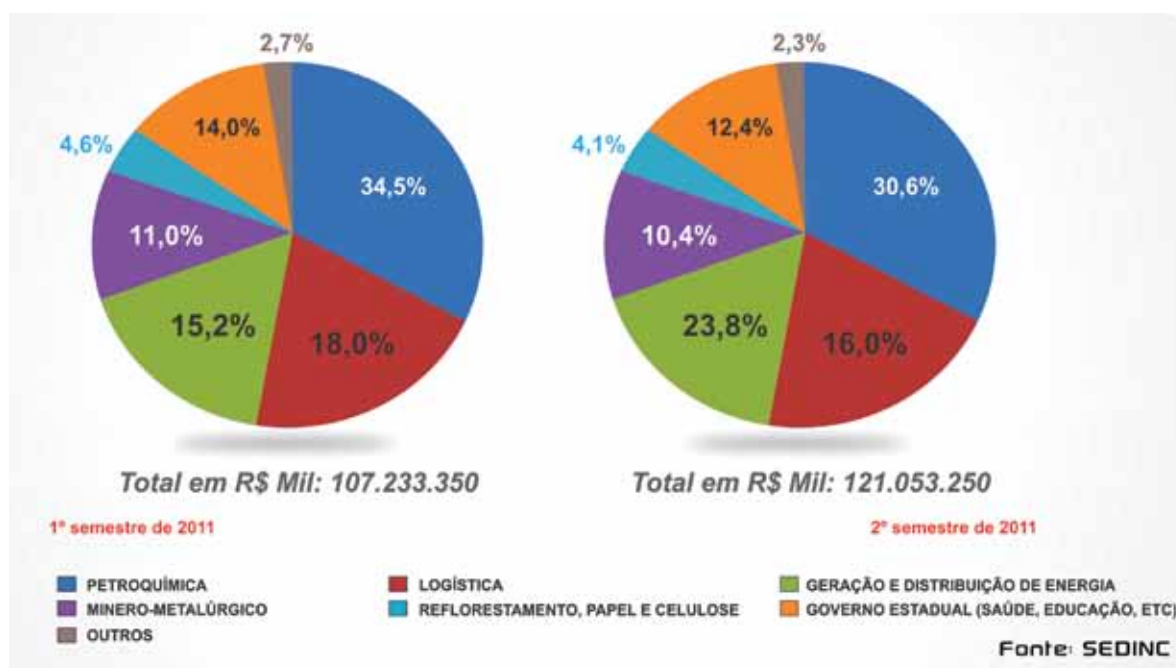
Secretaria Estadual de Agricultura, Pecuária e Pesca (Sagrma) anunciou no início do ano que o Maranhão bateu novo recorde no índice de cobertura vacinal contra a febre aftosa, com 97% do rebanho imunizado. O rebanho maranhense, que atualmente possui 7.272.822 de cabeças de bovídeos - sendo 7.194.459 bovinos e 78.363 bubalinos, criados em 81.624 propriedades rurais, teve um crescimento de 2,06% em relação a 2010.



ATRASO NOS INVESTIMENTOS

Até o segundo semestre do ano passado, segundo dados do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (Imesc), houve um aumento de R\$ 13,8 bilhões no montante de recursos anunciados para investimentos no estado no período de 2010-2016. O dado ruim é que alguns desses

empreendimentos deverão sofrer atraso na sua execução, já que a maioria deles está voltada para atender a demanda externa e o cenário econômico mundial não favorece a efetivação deles a curto prazo. Ainda assim, o Maranhão deverá manter o nível de atividade em patamar superior ao nacional.



MAIOR FATURAMENTO

A aprovação e implantação da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas no ano passado deverá contribuir, segundo o Sebrae, para a ampliação do número de empresas no Maranhão a partir deste ano. Dados de 2011 da instituição dão conta de que dos 217 municípios maranhenses, 103 já tinham a lei regulamentada. Uma das principais mudanças ocorreu no teto do faturamento.

RECORDE DE PRODUÇÃO

Em 2011, o Brasil bateu recorde na produção de petróleo, com aproximadamente 768 milhões de barris, de gás natural, com 24 bilhões de metros cúbicos. Quando comparado a 2010, houve aumento de 2,5% em relação ao petróleo e de 4,9% na produção de gás natural. Desse total, 91,2% da produção de petróleo e gás são provenientes de campos operados pela Petrobras.

BACIA LEITEIRA

Outra atividade que poderá incrementar o agronegócio no Estado é a criação de búfalos para bacia leiteira. No Maranhão, o rebanho bubalino atual é de 60 mil cabeças, sendo o terceiro maior do Brasil e o primeiro do Nordeste. No passado, esse número ultrapassou 150 mil cabeças. Clima apropriado, abundância de água e solo favorece a criação de búfalos, bastante peculiar em 27 municípios maranhenses. Organizar a produção, promover o melhoramento genético do rebanho e utilizar novas tecnologias no manejo são algumas das necessidades do setor.



CERTIDÃO TRABALHISTA

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) taxou de burocrática, coercitiva e desnecessária a exigência da Certidão Negativa de Débito Trabalhista (CNDT). Por considerá-la inconstitucional, a entidade recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF) contra a lei que cria o documento. As empresas que não apresentarem a certidão não poderão concorrer em licitações e nesse aspecto a CNI argumenta que pode afetar a saúde financeira das empresas, especialmente micro e pequenas, e que o objetivo da lei (o pagamento dos débitos trabalhistas) pode ficar, automaticamente, inviável.

ENERGIA I

Pelo menos 10 dos 52 municípios localizados na área de abrangência da Bacia do Parnaíba e que receberam investimentos para produção de gás natural e geração de energia elétrica pela OGX e MPX serão inicialmente incluídos no Plano de Desenvolvimento Territorial Integrado. O objetivo, segundo as empresas que planejam investir R\$ 4 bilhões, é que haja progresso continuado e consistente na região.

ENERGIA II

A participação do segmento de Geração e Distribuição de Energia no montante de recursos que deverão ser investidos no estado saltou de 15,2% para 23,8%, o que representa segundo o Imesc, representou uma adição de R\$ 12,3 bilhões e um incremento de 22,2 mil empregos no setor. Contribuíram para isso a inclusão do Parque Eólico de Geração de Energia (Tutóia e Paulino Neves) e o Complexo Termelétrico do Parnaíba (Santo Antônio dos Lopes), além da alteração nos valores do Programa Luz para Todos executado pela Cemar no Estado.

“Inovação como estratégia de desenvolvimento da indústria nacional”

Por Cíntia Machado

Rafael Lucchesi, economista, diretor geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e diretor de Educação e Tecnologia da Confederação Nacional da Indústria (CNI), fala da importância estratégica da inovação para o desenvolvimento da indústria brasileira. Ele, que já foi secretário de Ciência e Tecnologia e Inovação do Governo do Estado da Bahia e presidente do Conselho Nacional de Secretários de Ciência e Tecnologia, anuncia a expansão das matrículas do SENAI em Estados como o Maranhão para acompanhar o crescimento econômico expressivo que se anuncia com novos investimentos, além de melhorar a sua rede de serviços técnicos e tecnológicos.



Revista Maranhão Industrial – Qual o panorama econômico que a Confederação Nacional das Indústrias (CNI) vislumbra para o País e para o Maranhão nos próximos anos?

Rafael Lucchesi - O Brasil vive um boom. Um crescimento econômico expressivo, sustentável, com destaque para novos pólos de desenvolvimento regional, a exemplo do Estado do Maranhão, que vai protagonizar um bloco de investimentos da ordem de R\$ 100 bilhões. O Maranhão vai protagonizar um volume bastante expressivo de investimentos dentro desse ciclo de expansão da economia brasileira em setores importantes como metalurgia, petróleo e gás, celulose, alimentos, dentre outros. Estive recentemente no Maranhão e os investimentos são realmente significativos.

MI – Qual o peso da Educação Profissional para a indústria nacional dentro desse cenário?

RL - Dentro desse horizonte, para o Brasil, as agendas da Educação Profissional e de inovação são extremamente importantes. A produtividade tem deficiências e isso está associado à baixa qualidade da Educação. O desafio é reduzir a baixa escolaridade do trabalhador

brasileiro, que acompanha o nível médio da população. A combinação dessas duas situações traz efeitos negativos em relação à produtividade no trabalho. Pesquisa recente da CNI aponta que a baixa escolaridade associada à baixa qualidade da Educação tem impacto negativo sobre a

“A questão fundamental é que na estratégia das empresas a inovação ainda não ocupa uma posição de centralidade como acontece nos países de economia industrial avançada e dos países em desenvolvimento que têm obtido melhor performance. .”

produtividade no trabalho em todo o País. Adicionalmente, temos outro problema: a matriz educacional brasileira. Temos 6 milhões de jovens nas universidades, 9 milhões no Ensino Médio, dos quais apenas 1 milhão no Ensino Médio de nível técnico, o

que coloca a nossa matriz em uma posição extremamente ruim na medida em que a proporção entre estudantes universitários e de nível técnico médio é muito baixa. Isso faz com que o padrão de escolaridade da Educação Profissional seja muito baixo. Daí a importância de instituições educacionais como o SENAI para promover a Educação Profissional. Quando nós vamos para Estados onde temos um déficit maior ainda no mercado de trabalho, como é o caso do Maranhão, temos deficiências mais agudas. Dado que o Estado tem um bloco de investimentos competitivos, o esforço que nós temos que fazer para atender a demanda da indústria é ainda mais representativo. Daí porque estamos pensando em um programa de expansão das matrículas do SENAI no Maranhão. Estamos buscando a expansão da rede no Brasil inteiro e mais particularmente em Estados onde há uma gama mais forte de investimentos.

MI – Esse programa viria associado a parcerias com Governos e iniciativa privada?

RL - O programa no Maranhão é amplo. Envolve a rede pública estadual, federal e o Sistema S, basicamente o SENAI, entre outros atores

que estão se mobilizando no Estado. No nosso caso específico, estamos pensando em uma agenda segura nos Estados onde está tendo expansão mais significativa do emprego e do investimento industrial.

MI – Além da Educação, que outros pontos estão contemplados na agenda da indústria?

RL – Precisamos melhorar alguns aspectos da nossa agenda macroeconômica. Temos problema nas relações trabalhistas e na política industrial. Tudo isso nós podemos resumir que o Brasil tem um grande desafio de enxergar duas agendas: uma velha, na área de competitividade, que nós não avançamos como outros Países que tiveram melhor performance e, concomitantemente, temos que avançar em uma agenda nova na qual a inovação emerge como um dos carros-chefes. Daí nasce um outro grande desafio para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Precisamos avançar solidamente na capacidade que o SENAI tem de responder a desafios de competitividade da indústria brasileira, melhorando a nossa rede de serviços técnicos e tecnológicos e de inovação. Estamos em plena expansão da rede de centros tecnológicos do SENAI no Brasil

inteiro, ampliando não só a nossa competência na área de Educação Profissional, que é reconhecida nacional e internacionalmente, mas também na capacidade de atendimento às demandas tecnológicas da indústria brasileira.

MI – O brasileiro é bastante criativo, sabe lidar com as dificuldades, mas ao mesmo tempo trabalha no improviso. Essa cultura ajuda ou atrapalha quando o assunto é inovação?

“Esse impulso extremamente célere na economia local é claro que terá um efeito de enorme impacto transformador na sociedade e em uma série de outros setores.”

RL – Se pegarmos os principais indicadores mundiais de inovação, o Brasil se encontra em uma posição intermediária. Nós nos destacamos solidamente quando se trata da América Latina. No entanto, quando nos comparamos aos países de economia industrial avançada, vemos que temos ainda um gran-

de caminho pela frente. A questão-chave não é comparar aspectos culturais. A questão fundamental é que na estratégia das empresas a inovação ainda não ocupa uma posição de centralidade como acontece nos países de economia industrial avançada e dos países em desenvolvimento que têm obtido melhor performance. Isso acontece porque essas economias estão mais expostas ao padrão de competição e reconhecem na inovação o elemento central de construção de vantagens competitivas para as empresas. Os dados que melhor revelam isso estão na Pesquisa de Inovação Tecnológica (PINTEC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A realidade brasileira tem melhorado. A CNI tem protagonizado junto com os Ministérios de Indústria e Comércio e de Ciência, Tecnologia e Inovação, Sebrae e BNDES um movimento empresarial pela inovação e que tem como objetivo criar uma rede de mobilização na plataforma privada para constituição de núcleos de difusão da agenda de inovação do País.

MI – Como fazer para que as empresas adotem a inovação como estratégia?

RL – Da mesma maneira como nós fizemos nos anos 90 com o Programa Brasileiro

da Qualidade e Produtividade (PBQP) em torno da agenda da família da ISO 9000. Houve uma enorme difusão dos conceitos da qualidade e essa disseminação criou um movimento nas empresas brasileiras de adesão às práticas de gestão da qualidade e de uma maneira muito forte as empresas difundiram esses conceitos nas suas práticas gerenciais e capacitação de seus executivos. Número significativo obteve a certificação. Algo semelhante está acontecendo hoje liderado no setor empresarial pela CNI, instituindo núcleos nas principais federações do País e que terão um papel de mobilização em torno da inovação.

MI - Como garantir que esse momento vivido pela economia maranhense venha acompanhado de sustentabilidade ambiental e desenvolvimento social?

RL - Esse impulso extremamente célere na economia local é claro que terá um efeito de enorme impacto transformador na sociedade e em uma série de outros setores. Por exemplo, efeitos na Construção Civil estão muito associados à renda urbana. Quando você aumenta a marca geral de salários, as pessoas têm dinheiro para construir suas casas. A construção de usinas, refinarias

de petróleo, estradas, portos e unidades fabris terá que contratar gente e isso gerará uma demanda derivada por novos produtos, como construção civil residencial, bens de consumo, entre outros, com um efeito dinâmico que retroalimenta a economia como um todo. Como o investimento no Maranhão é

“Nós estamos fazendo o desenvolvimento econômico brasileiro com preservação.

Nesse ponto, acredito que a agenda do Maranhão seja de sustentabilidade ambiental”

por um bom período, o efeito transformador do ponto de vista econômico é grande e terá efeitos sociais. Se isso vier com uma política de capacitação para o trabalho, como vi em visita ao Maranhão, certamente isso terá um efeito dinâmico adicional, o que vai fortalecer competências importantes para a economia do Estado. Além disso, há uma sólida preocupação com a

preservação de ativos ambientais. Diferentemente do que acontece na China, onde tem um passivo ambiental muito grande, nós estamos fazendo o desenvolvimento econômico brasileiro com preservação. Nesse ponto, acredito que a agenda do Maranhão seja de sustentabilidade ambiental para as futuras gerações, bem como de desenvolvimento socioeconômico sustentável de longo prazo.

MI - O que você enxerga que seja o dever de casa dos governos estadual e municipais diante de todo esse cenário projetado para o Maranhão?

RL - Tem uma preocupação na área de logística, deve haver uma maior participação dos empresários maranhenses nas cadeias de valor que estão sendo constituídas no Estado, criando um efeito dinâmico para o empresário local de maneira mais significativa, de tal sorte que crie um impulso econômico mais sustentável e duradouro e com a participação nesse bloco de investimento que vem do capital dinâmico de fora do Estado, uma parte dele com parceiros locais seja feito por empresários do próprio Estado porque isso enraíza o investimento com um ciclo de riqueza mais forte para a sociedade maranhense. ■

Chegou Vivo Direto.

É mais que rádio.
É ilimitado e com
a maior cobertura
do Brasil.



Com Vivo Direto, você fala ilimitado, em um toque, com qualquer Vivo Direto do Brasil. É a maior cobertura do país para falar direto com seus funcionários, clientes, família e amigos. E você ainda tem todas as outras vantagens do seu Vivo num único aparelho e num único número.

Conheça planos para você e sua empresa em www.vivo.com.br/vivodireto

POR APENAS
R\$ 29,90 /MÊS

vivo DIRETO

vivo Conexão como nenhuma outra.

Sobre o serviço Vivo Direto: ligações ilimitadas para outros assinantes do serviço Vivo Direto. O valor mensal de R\$ 29,90 é promocional, com tributos, sujeito a alteração conforme legislação. Serviço exclusivo para clientes Vivo GSM Pós-pago e condicionado à aquisição de um terminal PTT (Push-To-Talk). O Vivo Direto é um serviço de valor agregado que permite ao cliente realizar chamadas nacionais para outro assinante do Vivo Direto dentro da área de cobertura da Vivo e possui renovação automática. Antes de contratar o Vivo Direto, consulte o Termo de Uso do Serviço e verifique os aparelhos compatíveis em www.vivo.com.br/vivodireto. A Vivo possui a maior cobertura do país, conforme o site www.teleco.com.br, em 3/5/2011.



A arma mais poderosa da indústria atual

Saiba quais são os caminhos e o aparato disponível para inovar

Por Nina Mochel

Quando Geraldo Raimundo de Paula percebeu que fazia muito esforço e só conseguia que sua oficina pagasse as contas, ele decidiu que era hora de mudar. Mecânico por profissão, Geraldo queria atrair mais clientes e sabia que precisava tornar o seu pequeno negócio mais lucrativo.

Para fazer a mudança que achava necessário ele resolveu pedir socorro e procurou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e o Serviço Brasileiro de Apoio às

Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Passou por treinamentos, oficinas e cursos e chegou à conclusão de que precisava inovar e agregar valor ao seu processo produtivo.

“Precisei mudar também. Antes de mudar a empresa eu mudei. Passei a enxergar as coisas de forma muito diferente. Iniciamos com pequenas inovações, mas elas nos fizeram crescer tanto que hoje tivemos que parar um pouco, por não conseguir atender tanta gente”, comentou.

Geraldo investiu inovando na forma de gerir seu negócio e atender ao competitivo mercado atual. A valorização dos funcionários, melhoria no atendimento aos clientes e a pontualidade foram algumas estratégias utilizadas na reparadora de automóveis e que renderam ao pequeno empresário uma produtividade 70% maior da que existia antes.

Mas o sabor do lucro e do sucesso exige de todo o empresário uma boa dose de determinação, ousadia, empreendedorismo e originalidade. Ou seja, é preciso ser ousado para inovar, ser empreendedor para buscar as soluções de inovação e, especialmente, ser diferente. Fazer o que ainda não foi feito no próprio negócio e ficar de olho no que se passa ao redor e fazer o que ninguém fez, são armas fundamentais para conquistar o diferencial competitivo tão perseguido pelas grandes e pequenas indústrias no país e fora daqui.

Para incentivar tais ações, especialistas, universidades, órgãos do governo e entidades ligadas às ações de desenvolvimento, ciência e tecnologia, além das instituições que representam o setor produtivo, têm trabalhado em conjun-

to no fomento à inovação, mas também para desmistificar o tema junto à indústria brasileira.

O desafio é fazer com que os empresários, especialmente os micro e de pequeno porte, ampliem a visão sobre o assunto, como fez o mecânico Geraldo e desassociem a palavra inovação de tecnologia, de “coisa da Nasa” ou de algo que só se faz dentro de laboratórios superequipados, como se costuma comparar. A ideia é disseminar que melhorias simples também são inovadoras e podem fazer crescer dos micro aos grandes negócios.

Pelo menos é o que revelou uma pesquisa do Sebrae de São Paulo, realizada há quatro anos no Sudeste do País. Do universo de empresas sondadas, 62% das que inovaram registraram aumento na produção, 49% faturaram acima da média e 46% tiveram aumento da produtividade. Isso apenas de um ano para o outro. Dessas, apenas 27% e 23%, respectivamente, disseram ter crescido e faturado mais sem inovar. “O que diferencia a inovação da invenção é que a inovação precisa ser aceita e absorvida pela sociedade”, explica o especialista Dálcio Roberto dos Reis, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

PRODUTOS PRONTOS PARA O MERCADO

- Jacirene França, instrutora do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Maranhão (Senai-MA) foi premiada na 7ª Taipei International Invention Show & Technomart 2011 (Mostra Internacional de Inovação e Technomart), ano passado, na China. Ela inovou criando uma nova técnica de curtimento do couro da pescada amarela, o que rendeu à inventora a terceira posição na mostra. Ela foi a única representante brasileira no evento. A bióloga já conquistou prêmios de relevância nacional em 2010, como o 1º lugar na etapa nacional do Inova Senai.
- Desenvolvido por uma dupla de professores do Senai de São Luís, o projeto “Queijo frescal com polpa de juçara” foi o vencedor da mostra Inova Senai (etapa estadual), na categoria Processo Inovador. “A ideia era oferecer ao mercado maranhense um queijo diferenciado e que tivesse características locais”, comentou Leodoro Sales, um dos idealizadores do projeto.
- O instrutor do Senai, José Pimentel Neto, de Imperatriz, venceu a categoria Produto Inovador. Sua inovação consiste em transformar lixo plástico, especificamente garrafas pet e pvc, em uma alternativa ecologicamente correta para revestimento de pisos e paredes. Propondo uma venda associada, a empresa Artcola, do Rio Grande do Sul, sugeriu uma parceria: a utilização de uma cola também ecologicamente correta que substitui a argamassa.

QUEM PROCURAR

O incentivo à inovação também acontece para dentro das indústrias. Um bom exemplo é o edital da Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão (Fapema). No ano passado, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) dobrou para R\$ 2 milhões o montante de financiamentos não-reembolsáveis para que a Fapema incentive pesquisas em microempresas e empresas de pequeno porte no Maranhão, através do edital Pape Integração.

A Universidade Federal do Maranhão também está em fase final de instalação do projeto das Incubadoras de Empresas que vai dar apoio a empreendimentos em fase inicial a se desenvolverem estrategicamente e com melhor aparato técnico o seu crescimento no mercado.

Também para as indústrias maranhenses, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) disponibiliza uma série de ferramentas que facilitam seu desenvolvimento por meio da inovação. São bolsas, editais de inovação, consultorias e serviços técnicos e tecnológicos diversos que podem ser acessados via Sistema Indústria (Fiema, Sesi, Senai e IEL).

A Bolsa Bitech (Programa de Iniciação Científica e Tecnológica para Micro e Pequenas Empresas) é uma delas. Oferecida pelo Instituto Euvaldo Lodi, é uma iniciativa de cooperação entre o IEL, Senai, Sebrae e CNPq criada para financiar a transferência dos conhecimentos gerados nas instituições de ensino diretamente para o setor produtivo.

“A inovação e a produção de pesquisa voltada à indústria é uma exigência do consumidor, imposta pelo mercado. Portanto, um caminho sem volta que precisa ser perseguido insistentemente pelas nossas indústrias”, frisa o presidente da Fiema, Edilson Baldez das Neves.

Mais incentivo para a inovar

Há cerca de dez anos esse tema compõe a agenda nacional de discussões nos mais diversos segmentos, a começar pelo governo federal. A inovação é prioridade dentro da política industrial do governo da presidente Dilma Rousseff, como divulgado pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) desde o início do ano passado.

Mesmo sendo relativamente nova a discussão no País, o número de instrumentos disponíveis para que as empresas e indústrias brasileiras prosperem inovando, salta aos olhos. Financiamentos, capacitações, consultorias, juro diferenciado, enfim, o cenário demonstra que há vontade política, econômica e social convergindo para que esse processo, de fato, aconteça.

“Claro que é preciso elaborar bons projetos, pois não há dinheiro pra todo mundo. Mas nunca houve tanto”, garante Dálcio dos Reis. Para o PhD, hoje é possível enxergar que governos, academias e demais entidades estão em sintonia no fomento ao empreendedorismo e novas ideias na indústria. “Esse apoio nacional e regional é visível em todas as esferas”, diz.

No Maranhão, assim como no País, as políticas estão cada vez mais em destaque, possibilitando pesquisas conjuntas, empresa/academia, na busca de soluções que aumentem a competitividade dos empreendimentos locais. “Preço e qualidade são produtos importantes no mercado, mas a inovação é hoje a principal estratégia que as empresas utilizam para ganhar dinheiro”, afirma Dálcio.

O especialista esteve em São Luís em novembro do ano passado, a convite da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema), para apresentar uma palestra para empresários das indústrias de Alimentos e Metalmeccânica acerca dos lucros que se pode obter com a inovação.

A participação dele fez parte da programação da primeira etapa de sensibilização do



Projeto de Gestão da Inovação para Micro e Pequenas Indústrias, uma parceria do Sebrae Nacional e CNI, executada pela Fiema e pelo Sebrae local. Este é um dos serviços oferecidos pelo Sistema Indústria para estimular a inovação nas empresas industriais do Estado.

A realização, pela primeira vez, de uma edição estadual da mostra Inova Senai é mais uma prova de que o cenário está favorável ao desenvolvimento desse tipo de ação inovadora. “Pela primeira vez tivemos projetos com potencial para abrir uma etapa maranhense do evento”, comemora João Alberto Schaller, diretor regional do Senai Maranhão.

A mostra reuniu 15 projetos inovadores de instrutores e alunos dos cursos técnicos do Senai de São Luís, Bacabal e Imperatriz. As ideias foram concebidas para resolver ou minimizar problemas identificados dentro

de indústrias maranhenses ou são ideias com alta viabilidade mercadológica, pensadas com aplicabilidade para a sociedade.

Os três projetos premiados - “Queijo frescal com polpa de juçara”, “Uso de gerador para gerenciamento de demanda de energia elétrica” e “Cerâmica de plástico” – poderão concorrer à etapa nacional do Inova Senai, que acontecerá em São Paulo ainda este ano. A mostra foi considerada tão produtiva pela CNI que a instituição liberou a inscrição dos 15 projetos na mostra nacional.

“O nível da mostra surpreendeu. Muito projetos estão a um passo de chegar ao mercado”, disse Matheus Simões de Freitas, analista de Desenvolvimento Industrial da Unidade de Inovação e Tecnologia, do Departamento Nacional do Senai. O analista foi um dos jurados do evento em São Luís. ■



ECOEFIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO CIVIL: MUITO ALÉM DO CONCRETO

Texto de Cíntia Machado - Reportagem de Luana Santos

O segmento da Construção Civil no Maranhão experimentou uma desaceleração no ano passado, perdendo a liderança na geração de postos formais de trabalho para o setor de Serviços. Para manter os índices de crescimento que fizeram surgir uma euforia na área nos anos anteriores, os empresários terão que contar com uma mãozinha do Governo Federal no que diz respeito a investimentos públicos, crédito, redução de juros e programas habitacionais, além de uma boa dose de empreendedorismo, criatividade e série de oportunidade. Conforto, segurança e preço acessível dos imóveis já se tornaram itens obrigatórios e não bastam mais para atrair o consumidor diante de tantas ofertas

padronizadas. Engajamento com as questões ambientais que se traduzam em um conceito capaz de utilizar de maneira sustentável os recursos naturais - para esta e outras gerações - começa a ganhar espaço no Estado, ainda que discretamente, e se mostra como um diferencial de negócio.

Consumidores com poder aquisitivo maior buscam serviços e empresas que estejam alinhadas com novos conceitos como sustentabilidade. De um modo simples, garantir a sustentabilidade de um projeto é possibilitar à área que está sendo explorada condições de gerar recursos e oferecer bem estar para as comunidades do local por várias gerações. Apesar do grande crescimento imobiliário em

São Luís, projetos sustentáveis nessa área ainda não são uma realidade em escala. Algumas empresas já demonstram interesse. Entretanto, a tecnologia para tal vem de fora e a mão de obra local não está apta a desenvolvê-los, o que necessita de mais investimentos.

Outro grande empecilho à sustentabilidade dos projetos é o destino dos resíduos sólidos das construções. O Maranhão não possui usinas de resíduos sólidos, o que faz com que as construtoras não tenham um local adequado para esses materiais, resultando no descarte incorreto dos mesmos. O presidente do Sindicato da Construção Civil (Sinduscon-MA), João Mota, explica que para tentar amenizar esse problema já existe uma parceria entre a Prefeitura de São Luís e o Sindicato para qualificar as empresas com o intuito de reduzir o desperdício e fazer a destinação correta dos resíduos.

Ele explica que os problemas em termos de sustentabilidade dos projetos existem, mas algumas técnicas já estão sendo implantadas para que as empresas do setor tentem se adaptar a essa nova realidade, como o reaproveitamento de água pluvial voltado para uso em atividades externas dos condomínios.

Outra preocupação das empresas deste ramo é trabalhar para aproveitar o máximo de todos os itens, evitando o desperdício, que hoje gera em torno de 3% e impacta na perda de receita para as construtoras em percentual ainda maior. “A meta é que em bem pouco tempo todas as empresas consigam alcançar o índice zero de desperdício”, frisou o presidente do Sinduscon-MA.

O setor da Construção Civil foi responsável por nada menos do que 7,29% do Produto Interno Bruto (a soma de todas as riquezas produzidas) em 2009 no Maranhão. Segundo o Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (Imesc) o PIB maranhense foi de R\$ 39,8 bilhões naquele ano, dado disponível mais atual. Dada a importância econômica e abrangência, o setor deverá buscar alternativas para reduzir os impactos socioambientais das obras que se multiplicam na cidade, apresentando ao cliente novas opções de moradia que aliem conforto e segurança a soluções criativas para o reaproveitamento de recursos e reciclagem de materiais.

Essa nova tendência é conhecida como ecodesign, que consiste na introdução de

O QUE FICARÁ DO BOOM IMOBILIÁRIO

O consumo exagerado dos recursos naturais, a especulação imobiliária desenfreada e a ocupação desordenada do solo urbano causam insustentabilidade. É o que defendeu durante um evento em São Luís a coordenadora do Núcleo Curitiba do Observatório das Metrópoles, Olga Lúcia, que também é professora do Departamento de Geografia da Universidade do Paraná.

O desenvolvimento urbano sustentável, disse ela, significa dizer que o que se está fazendo hoje não irá comprometer a

sobrevivência das gerações futuras. A professora ainda chama a atenção para o fato de ‘crescimento urbano’ não significar necessariamente ‘desenvolvimento urbano’. ‘O segundo, explicou, não depende apenas de coisas materiais, a exemplo da qualidade de vida, questões como trânsito e até o índice de felicidade, um indicador que já vem sendo medido em alguns lugares do mundo.

Na opinião da pesquisadora, a política de preservação ambiental brasileira é incoerente. “Vivemos de Norte a Sul do país

um boom imobiliário surpreendente e predatório. Talvez esse cenário ainda permaneça por dois ou três anos. A pergunta é: o que ficará?. Ela acrescenta que tratar as cidades setorialmente, como fazem programas governamentais como o PAC da Mobilidade e Minha Casa, Minha Vida nos dão poucas oportunidades de enxergar o universo urbano. “Isso pode resultar na própria instabilidade do ponto de vista da utilização dos recursos naturais e das soluções para as questões urbanas”, sentenciou.

RESÍDUOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

A produção de lixo cresce no país seis vezes mais do que a população e isso inclui os resíduos gerados nas construções, reformas, reparos e demolições de obras de construção civil. O dado é do Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2010, estudo divulgado no ano passado pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe) desde 2003. Foram gerados quase 61 milhões de toneladas de lixo no país em 2010, 6,8% a mais do que em 2009.

Apenas os resíduos da construção civil somaram 31 milhões de toneladas em 2010, um acréscimo de 8,9% em relação ao ano anterior. Essa conta só leva em consideração os resíduos lançados em logradouros públicos e que foram coletados pelas empresas de limpeza, o que significa que o setor da Construção Civil produz uma quantidade ainda maior de material que vai para descarte e que não necessariamente é reciclado e reutilizado.



Baseado na Política Nacional de Resíduos Sólidos, o estudo propõe a criação de um sistema integrado e sustentável dos resíduos, a busca de soluções conjuntas e consorciadas com uma perspectiva a longo prazo, adequação ambiental e tecnológica, além de investimentos. Uma das sugestões é que os municípios criem pontos oficiais de coleta, unidades de reaproveitamento e reciclagem. No Maranhão, mais de 35% do lixo ainda tiveram os lixões como destino final em 2010.

Uma iniciativa da Federação dos Municípios do Estado do Maranhão (Famem) pretende colocar em prática a legislação com o apoio para a implantação de planos municipais em todas as 217 cidades do Estado. O prazo final para cumprimento de todas as exigências da Lei Federal 12.305/2010 é 2014. A prefeitura que não se enquadrar sofrerá corte de recursos. A Famem está elaborando um diagnóstico nesta área para então planejar o manejo correto dos resíduos sólidos.

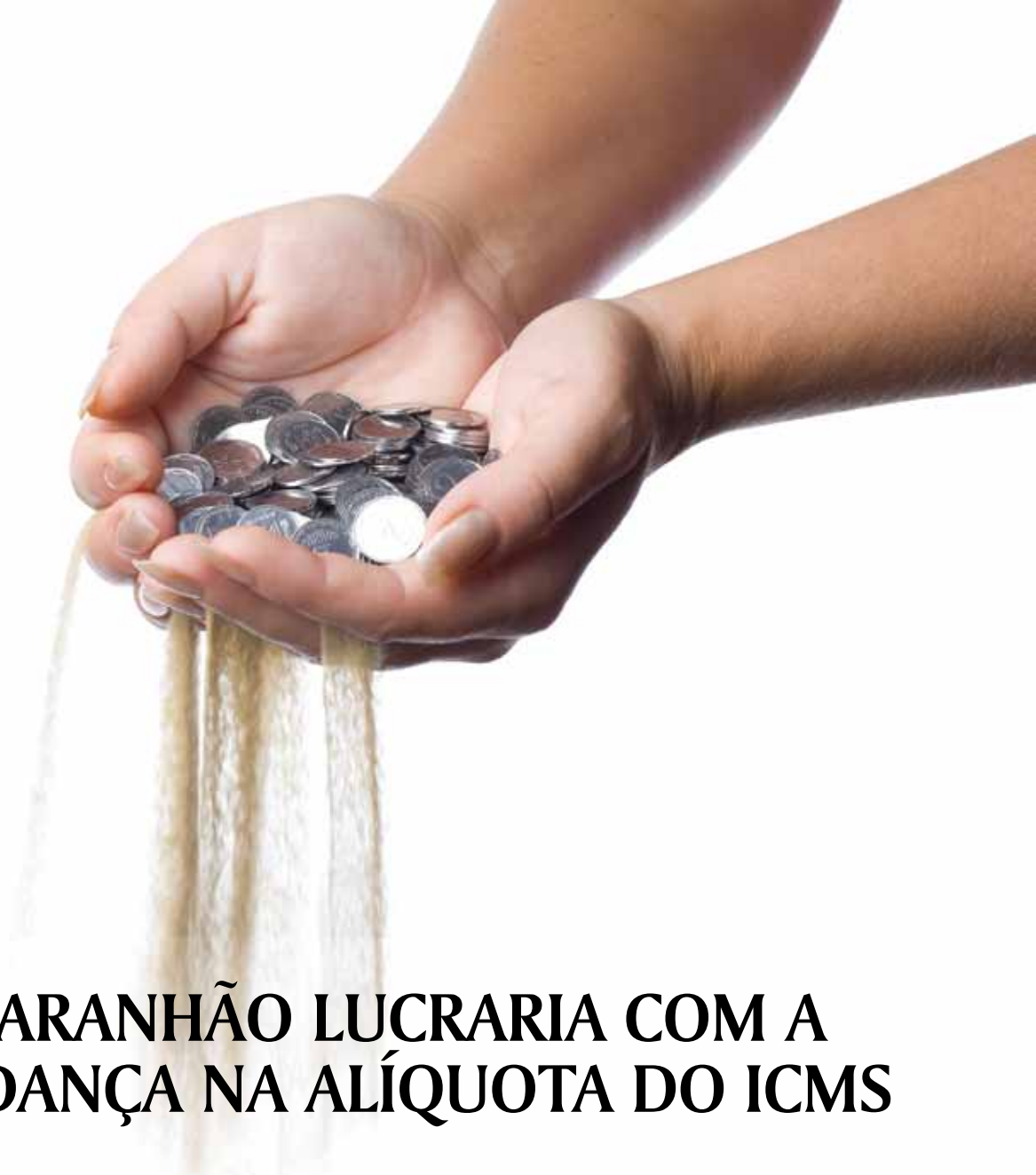
conceitos ambientais nas várias fases de uma obra, como a economia de recursos naturais em geral, a redução de resíduos e emissões de gases, além da utilização de fontes de energia renováveis, entre outros aspectos.

Uma das primeiras construtoras a se enquadrar neste novo padrão em São Luís é a L&F Incorporadora, através do seu empreendimento que leva o nome do novo conceito e que pretende mesclar a preservação dos recursos naturais aliada a um design moderno. Algumas das soluções apresentadas pela empresa passam pela redução do consumo de energia elétrica, uso de energia solar, sistema de armazenamento de água da chuva e maior área verde dentro do condomínio.

Segundo o diretor comercial da L&F, Marcos Grativol, a ideia é que o projeto seja sustentável tanto em recursos materiais, como também em recursos financeiros. “É econômico ser sustentável. As técnicas empregadas neste empreendimento não são caras. São ideias simples que podem ser adaptadas a qualquer projeto sem a necessidade de grandes investimentos. O que impede que as outras construtoras se adaptem a esta nova realidade é a falta de conhecimento e despreparo da mão de obra para atuar nesta linha sustentável. Na Europa e em outras cidades do país, esses projetos já são uma realidade”, resumiu Grativol.

Para o pastor evangélico, Hamilton Rocha, que adquiriu um imóvel com esse novo perfil, a preocupação de encontrar soluções para amenizar os impactos ambientais e nas comunidades vizinhas aos empreendimentos, além de garantir o conforto dos moradores, foi o que o convenceu a fechar o negócio. “A sustentabilidade é um dos diferenciais que procurava em um empreendimento. Se avaliarmos os benefícios que o condomínio oferecerá não só aos moradores, mas também às comunidades vizinhas, a diferença financeira é irrisória”, sentenciou.

Empreendimentos sustentáveis são a nova tendência da Construção Civil mundial. Para o consumidor, isto representa uma economia financeira devido às técnicas sustentáveis instaladas no imóvel, aliada a um novo estilo de vida que se baseia em atitudes responsáveis dos pontos de vista social e ambiental. Já para as construtoras, além das vantagens financeiras geradas pela redução dos custos de investimento e de operação, elas ainda agregam valor em termos de imagem, diferenciação e valorização do produto, gerando novas oportunidades de negócios. Daqui para frente, a reinvenção da construção civil voltada para imóveis residenciais, especialmente, deverá ter na sustentabilidade ambiental pelo menos parte da sua sustentação financeira. ■



MARANHÃO LUCRARIA COM A MUDANÇA NA ALÍQUOTA DO ICMS

No jogo de xadrez da arrecadação de tributos pelos Estados, a redução da alíquota do ICMS interestadual (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) para pagamento de 4% nos Estados consumidores seria o equivalente a um xeque-mate nos Estados mais desenvolvidos. Considerada uma jogada pouco provável, mesmo com a pressão política exercida pelas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste no Governo Federal, o resultado para o Maranhão seria, de imediato, um aumento de 10 a 15% na arrecadação. Apesar das forças opostas, há concordância de que a guerra fiscal que impera no Brasil é muito menos atrativa que a nova proposta e mesmo que pareça interessante para alguns, ao final, a luta desleal afeta a receita do País como um todo.

Os Estados menos favorecidos do ponto de vista econômico bem que tentaram emplacar a alíquota zero, mas a chiadeira dos Estados com grandes parques industriais desenvolvidos foi tão intensa que o máximo que conseguiram colocar na pauta foi 4% para uma alíquota que hoje varia entre 7% e 12%. “No futuro, há uma tendência em termos um equilíbrio à medida que os Estados vão se industrializando. Enquanto isso não ocorre, estamos na luta para melhor partilhar a receita”, disse Fernando Resende, da Assessoria de Desenvolvimento Tributário da Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz-MA).

Dos R\$ 3,7 bilhões arrecadados pelo Maranhão no ano passado, R\$ 3,3 bilhões, o equivalente a 89,1% da receita, são oriundos

TOTAL ARRECADAÇÃO DE ICMS 2010

POSIÇÃO	RAZÃO	PART. %
1	Petróleo Brasileiro S.A. - Petrobrás	24,61
2	Companhia Energética do Maranhão - CEMAR	8,18
3	Telemar Norte Leste S.A.	3,53
4	Fratelli Vita Bebidas S.A.	3,02
5	TNL PCS S.A.	2,89
6	BHP Billiton Metais S.A.	2,53
7	TIM Celular S.A.	2,24
8	VIVO S.A.	1,51
9	Consórcio Estreito de Energia - CESTE	1,47
10	Vale S.A.	1,44

RANKING DOS ESTADOS QUE MAIS CRESCERAM EM RELAÇÃO AO ANO ANTERIOR 2010/2009 - VALORES NOMINAIS

	NORDESTE	40.870.411	33.892.547	20,59
1º	SERGIPE	1.851.551	1.431.626	29,33
2º	ALAGOAS	2.080.201	1.697.016	22,58
3º	PERNAMBUCO	8.411.014	6.866.445	22,49
4º	PIAUÍ	1.919.739	1.587.307	20,94
5º	PARAÍBA	2.525.758	2.100.909	20,22
6º	CEARÁ	6.148.950	5.134.389	19,76
7º	BAHIA	12.142.987	10.142.841	19,72
8º	RIO G. DO NORTE	2.842.085	2.417.496	17,56
9º	MARANHÃO	2.948.126	2.514.518	17,24

Fonte: SEFAZ-MA

da arrecadação de ICMS. O restante está associado ao Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotivos (IPVA), taxas e outras receitas. Juntos, combustíveis, energia elétrica e telecomunicações, o que inclui telefonia celular, fixa e TV por assinatura, são responsáveis por 50% do ICMS do Estado. A importação de derivados de petróleo pelo Porto do Itaqui em 2011 foi de 7 milhões de toneladas. Sozinho, esse item da pauta

é responsável por 25% da arrecadação do imposto, o equivalente a R\$ 1 bilhão. No caso do Maranhão, um dos maiores entrepostos de derivados de combustíveis do Norte-Nordeste, apenas 50% do são consumidos internamente. A outra metade segue, via cabotagem, para distribuição e consumo em outros Estados.

Atualmente, a alíquota do ICMS interestadual para derivados de petróleo é zero. Com a mudança, a alíquota subiria



para 4%. A única perda de receita, e ainda sendo compensada por outros produtos, seria no envio de alumínio para Estados como São Paulo e Pernambuco, onde é beneficiado. Hoje a alíquota é de 12%. Pelas contas da Sefaz, o Maranhão teria a sua receita ampliada de imediato entre 10 e 15%.

A conta seria engordada também pela arrecadação de ICMS do comércio eletrônico. Como a maioria dos sites de compras têm empresas físicas em São Paulo, mesmo os produtos sendo consumidos no Maranhão, os impostos são pagos para a cidade mais desenvolvida do País. Os números desequilibram e, no conjunto, ajudam a agravar ainda mais as discrepâncias regionais. A legislação ainda não permite a garantia do repasse. Há muita polêmica em torno da questão, mas mesmo assim o Governo do Maranhão está tentando viabilizar a cobrança de R\$ 700 milhões por ano que o Estado deixa de receber.

Outra discussão é se alguns setores da economia ficariam de fora da nova regra. Em alguns Estados, como o Rio de Janeiro, que produz 80% do combustível que o País consome, a tentativa é deixar de fora o setor

de petróleo e gás para evitar perdas maiores na receita.

Foram instituídas medidas de política econômica e de ordem tributária para orientar e intensificar o processo de desenvolvimento do Estado, chamado Pro Maranhão, um programa de incentivo às atividades industriais e tecnológicas no Estado.

O Pró Maranhão compreende uma série de incentivos a partir da desoneração do principal imposto arrecadado pelo Estado, o ICMS. As empresas que vierem a se instalar no Estado, ou as já existentes que ampliem seus parques fabris, terão uma redução de 75% do valor do ICMS que pagariam sobre as vendas das mercadorias produzidas em suas instalações.

Também serão desoneradas do ICMS, as aquisições de equipamentos, insumos e matérias-primas para implantação das indústrias, inclusive na importação do exterior.

A intenção é atrair para o Maranhão principalmente atividades de produção e negócios inovadores e pioneiros no Estado. Para estes segmentos benefício será estendido por até 20 anos. ■

Sempre volta



AGILIDADE. DESTREZA. PRECISÃO. ARTE. PAIXÃO. PEGAMOS
EMPRESTADAS ALGUMAS DAS CARACTERÍSTICAS DO
BUMERANGUE PARA TRANSMITIR AOS NOSSOS CLIENTES
ALGUNS DOS NOSSOS VALORES. O RETORNO PARA O CLIENTE É
PROPORCIONAL AO NOSSO. SEMPRE VOLTA.



A EMPRESA QUE FAZ A REVISTA MARANHÃO INDUSTRIAL

portal-com@msn.com



TRÂNSITO: UM ENTRAVE PARA O CRESCIMENTO

Estrangulamento de ruas e avenidas afeta setores comerciais e da produção da capital e de todo o Estado

Por Wilson Lima

Era meados do ano de 1999. A então governadora Roseana Sarney (PMDB), no auge de sua popularidade, trouxe o poeta Ferreira Goulart para a inauguração de uma avenida de aproximadamente 5 km que liga a avenida Carlos Cunha até a Ana Jansen. A via levava o nome do poeta maranhense. Um evento, que reuniu centenas de pessoas, teve um pouco de histeria e de certa forma marcou o “início” de uma era. Nem quem estava ali, nem os gestores que participaram daquele momento, imaginariam que aquela era a última grande avenida construída na capital maranhense.

Desde aquele ano, prefeitura e Governo do Estado passaram dez anos sem construir novas avenidas em São Luís. Os novos investimentos

começaram apenas no ano passado, quando o Município iniciou um amplo programa de recuperação de malha viária e construiu duas novas vias. Ambas com menos de 2 km de extensão. Uma ligando a avenida Guajajara à Santos Dumont e outra via interna no bairro do João Paulo, de fluxo intenso. O governo do Estado do Maranhão iniciou esse ano a construção da Via Expressa. Via de 7,3 km que ligará a avenida Carlos Cunha, no Jaracati, ao bairro Ipase, com investimentos da ordem de R\$ 105 milhões. As obras da Via Expressa devem terminar em setembro do ano que vem, como parte do aniversário de 400 anos de São Luís. Somente a Via Expressa promete tirar 33 mil veículos diariamente das principais avenidas de São Luís.

Neste período em que a cidade ficou sem investimentos em novas vias urbanas, a frota de veículos cresceu em progressão geométrica. Em 1999, São Luís tinha aproximadamente 126 mil automóveis. Dados do Departamento Estadual de Trânsito (Detran) apontam que rodam pelas ruas 276 mil veículos. Um crescimento de 120% em 12 anos. Média de 10% ao ano.

Em 2011, relatório do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), referente ao primeiro semestre, aponta São Luís como a cidade com o segundo maior crescimento da frota de veículos no período. A capital maranhense perdeu apenas para Porto Velho (RO). Nos primeiros seis meses deste ano, a frota de veículos teve elevação de 5%. A média nacional é de um crescimento da ordem de 2,5%. “Vemos esse aumento como um ponto positivo, pois significa que estamos em um nível maior de desenvolvimento nos últimos anos”, disse recentemente Roberval Lopes, coordenador de Educação para o Trânsito do Detran- MA.

Por causa do grande número de veículos nas vias, um percurso que antes era feito em minutos, hoje demora horas. O exemplo está na avenida Jerônimo de Albuquerque, a maior de São Luís. No horário de pico, o trecho entre a Cohab e o Elevado do Trabalhador é feito em

até duas horas. Motoristas mais antigos falam que, nos anos de 1980, esse trajeto podia ser concluído em pouco mais de 20 minutos. Isso a uma média de 60 km/h.

Mas na capital, o problema não se atém apenas ao eixo urbano. A BR-135 é o principal exemplo dos problemas de trânsito de São Luís. A via está estrangulada e há cinco anos o projeto de duplicação da via, até a cidade de Bacabeira, onde será construída a Refinaria Premium I, da Petrobras, está em fase de tramitação. Em 2011, o processo licitatório foi lançado pelo Governo Federal, mas foi necessário a suspensão do certamente após denúncias no Ministério dos Transportes, na gestão de Alfredo Nascimento. Em reunião com a governadora Roseana Sarney em outubro, o atual ministro dos Transportes, Paulo Sérgio Passos, garantiu que a licitação será concluída nos próximos 90 dias. A via, projetada para o trânsito de 1970, hoje chega a ter 30 km de congestionamentos na véspera de feriados.

Para a indústria, comércio e setor de serviços, os entraves no trânsito de São Luís causam prejuízos incalculáveis. Um efeito cascata. Na indústria e comércio, os empresários são obrigados a dilatar prazos de entrega de mercadorias e produtos. Prazos maiores significam fretes mais caros. E isso é custo para a produção, menor margem de lucro ou diminuição da capacidade de crescimento.

No setor de serviços, principalmente de transporte, também há uma diminuição do número de viagens e passageiros transportados em função dos constantes congestionamentos. “Não adianta apenas aumentar a frota de ônibus em São Luís como a população almeja. É necessário ter alternativas de circulação. O tráfego de coletivos está estrangulado. Se colocarmos mais coletivos, vamos apenas aumentar os congestionamentos e isso não significa aumento de qualidade de transporte”, defendeu o superintendente do Sindicato das Empresas de Transporte de São Luís, Luís Cláudio Siqueira.

O presidente da Comissão de Infraestrutura da Federação das Indústrias do Maranhão (Fiema), José Ribamar Barbosa Belo, lamentou a falta de investimentos nos últimos anos e afirmou que os prejuízos por causa dos gargalos logísticos do Maranhão se atém a todas as atividades, desde a macro indústria até o turismo, setor esse que aglutina





56 ramos diferentes da economia. “Muitos dos projetos que estão sendo anunciados agora, foram sugeridos pela Fiema e pela Associação Comercial do Maranhão (ACM)) desde 2003”, disse. “Na minha ótica, acho que não falta dinheiro (para realização de obras de melhoria logística), falta aplicar corretamente. Os problemas com logística afetam todos os setores da economia do Maranhão”, assinalou Belo.

Mas Belo, no entanto, ressalta que os gargalos logísticos do Maranhão não se atém ao trânsito. O sistema viário, aeroviário e hidrovial também vivem uma situação crítica. Um exemplo é o aeroporto de São Luís, em reforma desde abril deste ano e que foi apelidado de “aerotenda”. “Perdemos um voo internacional São Luís – Milão por causa disso. E há muito tempo já vínhamos avisando sobre essa situação”, destacou Belo.

Mas esse não é um problema apenas de São Luís. No interior do Estado, o gargalo do sistema de transporte não é necessariamente a falta de vias, mas a conservação delas. Estudo da Confederação Nacional dos Transportes (CNT), divulgado recentemente, aponta que dos 55.681 km de extensão do sistema rodoviário do Estado, apenas 7.304 km estão pavimentados. Hoje, o Maranhão como um todo tem 925.201 veículos.

Além disso, de 4,2 km analisados pela CNT (17 rodovias), 70,9% eram considerados regular, ruins ou péssimos e em 60% das vias não havia placa de indicação de velocidade máxima. “As rodovias dessa Unidade da Federação desempenham papel de grande importância no escoamento da produção gerada na região que tenha como destino outros Estados, o complexo portuário de Itaqui ou a Estrada de Ferro Carajás”, diz o relatório da Confederação. A MA-006, na Baixada Maranhense, foi considerada a pior estrada pelo estudo da CNT.

Apesar das conclusões não tão positivas, o secretário de Infraestrutura do Maranhão, Max Barros, classificou os resultados de “animadores” a um blog local. “Os resultados deste ano comprovam a evolução da qualidade das nossas estradas. Em comparação com os números dos anos anteriores, percebe-se claramente que a realidade maranhense é outra depois do Programa Viva Infraestrutura”, descreveu Barros. ■

Produção e emprego industriais reverteram em 2011

Felipe de Holanda*



Os indicadores da produção industrial registraram uma expressiva desaceleração ao longo de 2011. A queda de 0,6% na produção física industrial brasileira em outubro constituiu-se no terceiro recuo seguido do indicador medido pelo IBGE. Com este resultado, a produção industrial agregada, que exibiu crescimento de 10,5% em 2010 em comparação com o ano anterior, encerrou o ano de 2011 próximo da estabilidade.

Uma desagregação do indicador por gênero de produção industrial mostra que as maiores quedas no acumulado de 12 meses ocorreram nos segmentos dos chamados bens-salários, a exemplo da indústria têxtil (-13,3% ao ano), calçados e artigos de couro (-9,0% a.a.) e vestuário e acessórios (-2,6% a.a.).

Em todos esses segmentos, o faturamento da indústria manteve-se positivo ao longo de 2011, indicando que a participação da produção doméstica vem recuando diante da ampliação do peso de componentes importados. Os indicadores do Nordeste mostram que os segmentos de têxtil, vestuário e acessórios e calçados e artigos de couro exibem resultados ainda piores que no plano nacional.

A crise financeira internacional também se constitui em outro fator de desaceleração da atividade industrial no Brasil. O que acontece no Maranhão? Os indicadores de emprego formal do Cadastro Geral do Emprego e Desemprego (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, mostram que entre janeiro e novembro de 2011 houve a criação de 26,8 mil empregos formais no Estado, comparados aos 34,3

mil gerados no mesmo período de 2010. Houve ampliação das contratações no segmento dos serviços (+ 10,4 mil empregos formais líquidos) e na agropecuária (+ 5,2 mil, especialmente no segmento de produção florestal). A indústria de transformação gerou 2,9 mil empregos formais líquidos no período, 80% deles concentrados nos municípios de São Raimundo das Mangabeiras, Aldeias Altas, Açailândia e Bacabeira.

Os indicadores relacionados ao segmento da Construção Civil foram os que mostraram a maior inflexão ao longo do ano: a geração de empregos formais no segmento passou da admissão líquida de 10.741 trabalhadores formais entre janeiro e novembro de 2010 para apenas 120 contratações em 2011. Embora parte dessa reversão possa ser creditada à atípica extensão do período chuvoso em 2011, o fato de que a maior parte das demissões ocorreu no segmento de construção residencial pode ser um sinal de que o boom imobiliário já tenha sido ultrapassado no Estado.

A desaceleração dos investimentos imposta pela crise internacional e a ultrapassagem do boom imobiliário no Estado colocam como desafio a sustentação dos empregos gerados no ciclo recente de crescimento da economia maranhense. A solução deve contemplar o incentivo aos segmentos ligados ao mercado interno, com para a agroindústria alimentar e o segmento de saneamento básico. ■

*Professor do Depto. de Economia da UFMA e vice-presidente do CORECON/MA, com colaboração dos acadêmicos de Ciências Econômicas da UFMA, Daniele Amorim e Geilson Pestana, pela ajuda na prospecção e preparação dos dados.

EDUCAÇÃO COMO BASE DO DESENVOLVIMENTO

Engenharia, petróleo, gás, energia e logística são algumas das áreas que estão recebendo atenção tanto do Governo quanto da iniciativa privada.

Com a previsão de mais de R\$ 100 bilhões em investimentos no Maranhão para os próximos anos, o que corresponde a mais de duas vezes o Produto Interno Bruto (PIB) do Estado em 2009, a indústria maranhense tem pressa em adequar a sua mão de obra aos empreendimentos. Governo, iniciativa privada e demais instituições realizam um esforço coordenado visando ampliar as chances de absorção do trabalhador local em todos os níveis. Em áreas como Engenharia, Energia, Petróleo e Gás estão grande parte das oportunidades profissionais e de desenvolvimento socioeconômico.

Os países que vêm galgando espaço na economia mundial trataram de fazer seus investimentos em Educação. A vinda de grandes investimentos como a Refinaria Premium I, ampliação e modernização do Porto do Itaqui e a construção da Termoelétrica MPX Itaqui, apenas para citar alguns, prevê mudança na perspectiva dos maranhenses. Também desperta interesse da classe empresarial na busca de soluções que garantam rentabilidade por meio de diferencial competitivo. O grande desafio é preparar o Maranhão, as empresas e os profissionais para que não percam este momento bastante benéfico vivido pelo Estado.

Desde 2007 que a perspectiva de crescimento econômico do Maranhão vem adquirindo contornos mais nítidos com empreendimentos em áreas como alimentos, movelaria, máquinas e usinagem em geral, bloco estrutural, aciaria, biomassa, açúcar e álcool, laticínios e energia.

Grandes grupos empresariais e empresas privadas têm buscado maior qualificação profissional para os seus empregados e esperando ter retorno em menos de 10 anos. É o que garante Ricardo Carreira, administrador de empresas e professor universitário. Carreira defende que com forte investimento na área, em pouco tempo o Maranhão irá alcançar um bom nível de crescimento, inclusive com melhoria no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). “Incentivos fiscais, disponibilidade de terra e mão de obra precisam vir atrelados à capacitação desses trabalhadores”, frisa.

“As empresas, de modo geral, têm sentido necessidade de investir em seus profissionais. Por isso, essa corrida para fechar parcerias com as universidades e centros de ensino”, diz o professor mestre e coordenador da Especialização em Engenharia Portuária e do MBA em Gestão Portuária da Ufma,



Sérgio Cutrim. Esse movimento inclui áreas que vão da Engenharia à Contabilidade.

De olho na expansão dos negócios e em impactos financeiros resultantes do crescimento real do Maranhão, foram firmadas, recentemente, parcerias de mestrados com instituições de ensino e pesquisa como as universidades federais do Maranhão, do Rio de Janeiro, Fluminense, Campina Grande e de São Carlos, em São Paulo. “Na área técnica, com vistas ao projeto de expansão da Refinaria Premium I, realizamos convênio com o Senai para qualificação de mão de obra”, destaca a gerente de Recursos Humanos da Alumar, Tereza Calvaca.


Educação Profissional

No mundo inteiro, não há como se pensar em crescimento sem que haja um modelo de desenvolvimento sustentável, construído com o esforço, dedicação e integração do Estado, da iniciativa privada e demais instituições. Um grande desafio para as instituições – governamentais ou não - é criar canais de oportunidades e soluções que

atendam, minimamente, as demandas de todos os segmentos da economia.

Na opinião de Oísina Aragão, coordenadora de Educação Executiva do Instituto Euvaldo Lodi – IEL/MA – a necessidade das empresas por executivos atualizados é cada vez mais crescente no Maranhão e o emprego dessa prática para o momento certamente vai gerar grande impacto nos processos de gestão.

Pensando assim é que o Sistema Fiema realiza o MBA Gestão Empresarial e Estratégica de Negócios em parceria com a Fundace, administrada pela Universidade de São Paulo (USP) e focada no desenvolvimento de executivos. Além disso, acontece atualmente, por meio do Sistema Fiema, o Programa de Desenvolvimento Empresarial, em parceria com a HSM Educação. O Programa de capacitação é voltado para o processo de transformação do executivo, trabalhando a teoria na prática empresarial com a situação real da empresa. Como se vê, quando o assunto é desenvolvimento econômico, Educação é um divisor de águas, fator determinante para o sucesso. ■



No embalo das disputas musicais

Paixão e talento impulsionam festivais de música carnavalesca, reggae e de corais.

Por Selma Figueiredo

Os acordes das disputas musicais travadas nos festivais sempre embalaram o Maranhão e tocaram fundo nos compositores locais, ajudando a compor um cenário artístico e cultural eclético com sonoridades que refletem tanto os tons do cancionário regional do estado quanto as vertentes universais. E as disputas memoráveis do passado ganham ressonância hoje em eventos que continuam a despertar o interesse de artistas e público.

Assim como nos tempos áureos das décadas de 60 e 70, com participação de nomes como Ubiratan Souza, Oberdan Oliveira, Sérgio Habibe e Giordano Mochel, paixão e talento ainda impulsionam produtores e compositores na atualidade. Abertos ao público ou a um segmento específico, eventos como o Festival Maranhense de Música Carnavalesca, Festival Universitário de Reggae (Unireggae), Festival Brasileiro de Coros

(Femaco) e Festival Sesi Música ainda provocam burburinho e mexem com o imaginário da plateia.

A prova desse impacto é o fato de que todos ultrapassaram a barreira da primeira edição com êxito e, hoje, já são aguardados com grande expectativa pela classe artística. Esses embates sonoros também ajudam a formar plateias e amantes da boa música. O Festival Universitário de Reggae (Unireggae), por exemplo, chegou à 14ª edição este ano e a expectativa é que regueiros de resposta mais uma vez apresentem belas composições. O objetivo, claro, é revelar talentos no ritmo jamaicano que conquistou o estado. As concorrentes devem ser inéditas e escritas em português.

“O Unireggae é o único festival do ritmo que tem caráter competitivo no país. Então, há uma expectativa enorme em torno dele, tanto

de artistas maranhenses quanto nacionais, tanto que o evento já teve vencedores de São Paulo, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Piauí”, declarou Fábio de Jah, que concorreu na primeira edição do festival e desde a terceira coordena o evento, além de comandar a banda Filho de Jah, que faz base para os competidores.

Apesar de festejar as conquistas, o artista se ressentido de problemas financeiros. Devido à falta de recursos, a disputa realizada no passado foi uma celebração com participação dos vencedores de edições passadas, a exemplo de Zé Lopes, Erivaldo Gomes e Carlos Berg. “Todo ano temos problemas para concretizar o festival. Para 2011, já está tudo certo. Temos apoio do Governo do Estado, Prefeitura de São Luís e, claro, da Universidade Federal do Maranhão (Ufma)”, afirmou Fábio de Jah.

Realizador do Unireggae, o Departamento de Assuntos Culturais da Pró-Reitoria de Extensão da Ufma, também é promotor do Festival Brasileiro de Coros, que já ultrapassou a marca de 34 anos de realização. E a produção, hoje, também não se restringe ao Maranhão. O Femaco este ano reuniu coros adultos e infantis do Rio Grande do Norte, Pará, Bahia e também das cidades maranhenses de Icatu, Imperatriz, São Luís, São Roberto e Humberto de Campos. O evento, com entrada gratuita, teve patrocínio oficial do Ministério da Cultura (Lei de Incentivo à Cultura), Vale e Banco da Amazônia.

“Um evento como o Femaco, com essa tradição, evidencia que há um público cativo que já o aguarda todos os anos. E o interessante é que o próprio festival contribui para a formação dessa platéia de admiradores do canto coral. Tanto que hoje reunimos diversos coros infantis, que perpetuarão essa arte, pois eventos desse tipo são importantes também por congregarem as pessoas, por construir laços

de amizade”, declarou a integrante da Comissão de Execução do Femaco, Maria do Carmo Nunes.

Seis meses de trabalho são necessários para a produção do Festival de Coros e toda uma equipe se encarrega dos preparativos. “Nós temos um trabalho que antecede e muito a realização do evento. Fazemos as inscrições, a divulgação e também entramos em contato com instituições de ensino ligadas à música, incluindo as que tenham participado de edições anteriores. Sabemos que tudo isso fortalece o movimento coral”, afirmou Maria do Carmo Nunes, que participa da equipe de produção desde a primeira edição do Femaco.

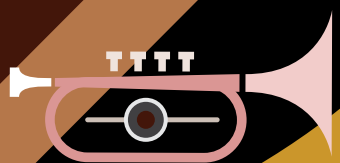
Carnavalesca

Com toda irreverência e também voltado a um tema específico, o Festival Maranhense de Música Carnavalesca chega a 11ª edição no ano que vem. A festa no palco do Ceprama está marcada para o dia 28 de janeiro.

“O festival já faz parte do calendário cultural do Maranhão. Os artistas se preparam para a disputa e ficam ligando para saber detalhes, antes mesmo de a gente abrir as inscrições”, relatou Iana Carvalho, coordenadora de Responsabilidade Social do Sistema Mirante, promotor do evento.

E o embate no palco sempre é marcado por muita festa, dos concorrentes e do público. “Os artistas dão um show na produção e capricham para conquistar o público e os jurados. Levam torcida organizada, bailarinos e personagens da folia, fazendo uma grande festança”, destacou Iana Carvalho, reiterando que a iniciativa nasceu com o objetivo de resgatar a folia maranhense e hoje se consolidou no período de prévia momesca.

Todas as concorrentes são inéditas. Uma triagem realizada por comissão julgadora define as 12 selecionadas. Estas compoem o CD do festival e são apresentadas no Festival, quando serão



definidos os vencedores e o melhor intérprete da edição. “É um trabalho de planejamento, pois temos que ver arranjos, gravar as músicas, preparar o CD e divulgar a produção. A ideia é animar o Carnaval com as composições do festival, por isso demanda tempo”, ressaltou a coordenadora de Responsabilidade Social do Sistema Mirante.

Uma equipe de cerca de 30 pessoas trabalha envolvida diretamente no festival. A lista inclui músicos renomados que acompanham todos os concorrentes, sob a coordenação do instrumentista Chiquinho França, que assina todos os arranjos. “Nós queremos fazer o melhor e trabalhamos por isso, para que público e concorrente fi-

quem satisfeitos”, destacou Iana Carvalho, lembrando que a edição do ano passado contabilizou 180 inscritos, tendo como vencedora a música “Presente de Chinês”, de Elisabeth Rodrigues, que também abocanhou o prêmio de Melhor Intérprete com Adão Camilo.

E as disputas que movimentam o cenário musical em São Luís têm aprovação dos artistas, que sonham com muito mais. “Vejo os festivais como um espaço para a gente mostrar nosso trabalho, fazer intercâmbio com outros compositores. Serve para manter a arte e a criatividade vivas, por isso são tão importantes”, declarou o regueiro Fábio de Jah. ■

VERUSKA OLIVEIRA



DIFERENCIAIS NO FESTIVAL SESI MÚSICA

Se quem canta os males espanta, nada melhor que usar a música para integrar no ambiente de trabalho. Outro bom exemplo desses embates sonoros é o Festival Sesi Música, que traz alguns diferenciais mas não deixa de agregar admiradores. Uma diferença é que a iniciativa contempla exclusivamente os trabalhadores da indústria e seus dependentes diretos. Outra, é que há duas categorias: Música Inédita e Música Não-Inédita, sendo que ambas premiam os primeiros (R\$ 2 mil), segundos (R\$ 1.500,00) e terceiros (R\$ 1 mil) colocados.

“Hoje, temos um projeto consolidado e bastante concorrido. Nossa expectativa é reunir o maior número de concorrentes e superar o ano passado, além de também ter um salto qualitativo nos trabalhos apresentados, pois queremos melhorar a cada ano”, afirmou a superintendente regional do Sesi, Andreia dos Santos Marão.

Promovido pela Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema), por meio do Serviço Social da Indústria (Sesi), o evento chegou à terceira edição em dezembro no Teatro Alberto Abdalla (Casa da Indústria - Cohama). A intenção é abrir espaço para o surgimento de trabalhadores que compõem, cantam ou tocam instrumentos em todos os gêneros e estilos da música brasileira. Vale destacar que, na categoria composição inédita, as músicas poderão ser interpretadas pelo próprio candidato compositor ou por um indicado, desde que seja trabalhador da indústria.

E não é a só a regional maranhense que se dedica à disputa. Há etapas em todos estados do país. Dependente de trabalhador da Eletronorte, a jovem Jessana Bessa participou da disputa em 2010, e interpretando a música “Telegrama”, do maranhense Zeca Baleiro, participou da etapa nacional - este ano não será realizada. “Fiquei muito feliz em representar meu estado e a empresa no Festival Nacional levando uma música de Zeca Baleiro, que é também maranhense”, disse à época.

“Para o Sesi, a música é um instrumento de aprendizado. Estimula a criatividade, a emoção, além de estreitar parcerias”, reforçou a superintendente regional. É música para trabalhar, sonhar e ultrapassar barreiras em iniciativas que merecem aplausos de todos.



MEMÓRIA

Por Luís Fernando Baima



ÁLBUM DO MARANHÃO, MIÉCIO DE MIRANDA JORGE, PÁGINA 347, 1950.

1890

COMPANHIA TELEFÔNICA DO MARANHÃO

Em 1950, em anúncio comemorativo dos 60 anos de sua criação, a Companhia Telefônica do Maranhão se orgulhava de já possuir mil aparelhos automáticos para atender uma população crescente em São Luís, que já comportava 119.785 almas, segundo o IBGE. Com sede na Rua Joaquim Távora, no centro da cidade, a Companhia contava com modernos equipamentos instalados pela Companhia Ericsson do Brasil, o que garantiria um eficiente funcionamento de seus aparelhos.



saúde

é o que interessa

Adotar um programa de estímulo aos hábitos saudáveis dentro das indústrias estabelece uma relação de cuidado entre empresa e seus trabalhadores, que se reverte em benefícios para os dois lados. Conheça os serviços que o SESI oferece para aumentar a produtividade em sua empresa:

Serviços

- **Circuito do Bem-Estar:** Testes temáticos, dinâmicas, aconselhamento individual e em grupo, clubes, massagem expressa e alongamento/relaxamento.
- **Consultoria em Lazer:** Apoio à gestão de programas, diagnóstico, capacitação de pessoal e customização de insumos para utilização nos programas de lazer e bem-estar.
- **Gestão de Eventos:** Eventos recreativos, lúdico-esportivos, artísticos-culturais, promoção do bem-estar.
- **SESI CorpoAtivo:** Teste de aptidão física, ginástica para grupos específicos, ginástica personalizada, academias.
- **SESI Ginástica na Empresa:** Exercícios de alongamento para relaxar durante o expediente e prevenir doenças ocupacionais.

Para utilizar os nossos serviços e encontrar a melhor solução para sua indústria, solicite-nos uma visita pelo telefone (98) 2109-1859 ou site: www.fiema.org.br.



FIEMA SESI

EMPREENDER, DIALOGAR E ESTREITAR RELACIONAMENTO COM A COMUNIDADE FAZ PARTE DO NOSSO JEITO DE SER.



Projeto EMAP na Comunidade, em Cujupe, Alcântara.
Ação de Educação Ambiental.

